

Maria Eugenia Celso: uma intelectual no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

Maria Eugenia Celso: an intellectual at the Brazilian Historical and Geographic Institute

Carla Bispo Azevedo¹

Resumo: Maria Eugenia Celso teve inserções em diferentes âmbitos da sociedade e com visibilidade pública: movimento feminista, na área educacional como membro da Comissão Nacional de Literatura Infantil, no campo do assistencialismo, na imprensa e na literatura. Tais inserções estão associadas a suas redes de sociabilidade, assim como na sua projeção como escritora, ressaltada na imprensa à época. A partir do que foi exposto, é possível observar que a escritora e sufragista alcançou visibilidade pública no tempo em que viveu, com participações em lugares de prestígio na sociedade. Nesse sentido, este artigo busca analisar sua participação no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, onde apresentou algumas conferências.

Palavras-chave: Maria Eugenia Celso. IHGB. Intelectuais. História das mulheres.

Abstract: Maria Eugenia Celso has had insertions in different spheres of society and with public visibility: the feminist movement, in the educational area as a member of the National Commission for Children's Literature, in the field of welfarism, in the press and in literature. Such insertions are associated with her networks of sociability, as well as in her projection as a writer, highlighted in the press at the time. From what has been exposed, it is possible to observe that the writer and suffragette achieved public visibility in the time she lived, with participations in prestigious places in society. In this sense, this article seeks to analyze her participation in the Brazilian Historical and Geographic Institute, where she presented some conferences.

Keywords: Maria Eugenia Celso. IHGB. Intellectuals. History of women.

Introdução

Esse artigo é um recorte da pesquisa realizada ao longo do Mestrado, quando destacou-se a dimensão educativa dos escritos de Maria Eugenia Celso em diálogo com estudos sobre a história das mulheres no Brasil e no ocidente, assim como com a questão de gênero. Para dar tratamento a esse propósito, investiu-se nas possibilidades de pesquisa do texto jornalístico e literário de Maria Eugenia Celso, elencando-se seus escritos na coluna *Página de Eva* extraído do periódico *Revista da Semana*, reportagens em prol da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino publicadas pelo *Jornal do Brasil* e documentos desta entidade, bem como o livro *Diário de Ana Lúcia*.

A partir das reflexões desenvolvidas ao longo da pesquisa, foi possível perceber a complexidade e diversidade conferidas ao papel social e político da mulher na sociedade nas primeiras décadas do século XX. Para se compreender esse contexto, buscou-se reconstituir a trajetória de vida pública e privada da escritora e sufragista Maria Eugenia Celso, aliada aos seus escritos de domínio público, pois neste trabalho

¹Doutoranda do Programa de Pós- Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro-UERJ. E-mail: carlinha_fla@hotmail.com

foram analisadas algumas de suas produções escritas na imprensa, na literatura, na Federação Brasileira pelo Progresso Feminino e no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Ao se destacar a questão da imprensa e das redes de sociabilidade, pode-se considerar Maria Eugenia Celso uma intelectual? Gomes (2004), em sua análise sobre intelectuais, ressalta que intelectual é o indivíduo que está inserido numa determinada rede de sociabilidade e, desta forma, observa-se que o intelectual deve estar envolvido em uma rede de sociabilidade que concomitantemente o situe no espaço cultural e lhe permita interpretar o mundo social e político do seu tempo.

De tal modo, não é tanto a sua condição de intelectual que desencadeia uma estratégia de sociabilidade e sim a sua participação numa rede de contatos que demarca sua inserção no mundo cultural. Portanto, intelectuais podem ser pensados como homens e mulheres cuja produção é influenciada pela participação em associações e/ou grupos que se destacam por práticas culturais de oralidade e/ou escrita.

Conforme a perspectiva sobre intelectuais desenvolvida por Angela de Castro Gomes e Patrícia Santos Hansen (2016) é possível observar algumas considerações sobre o conceito. Para tratar desse tema, as pesquisadoras dialogam com autores como Jean François Sirineli, Jean Pierre Rioux, Michel Trebitsch, entre outros, os quais, segundo elas, desenvolveram suas contribuições no Institute d’Histoire du Présent (IHTP), de Paris, a partir dos anos 1980/90, mais especificamente a partir da chamada história dos intelectuais, expressa no excerto abaixo:

(...) a proposta de realizar uma história cultural e política, centrada na agência de sujeitos dedicados à produção e difusão de bens simbólicos, o IHTP consagrou uma abordagem histórica que identifica esses atores como pertencentes a um “meio intelectual” que se conforma por “redes e lugares”, onde se constroem práticas relacionais específicas, que dão abrigo às ideias e valores. Ou seja, os intelectuais, como atores político-sociais, são analisados a partir de uma categoria central para tal abordagem que é a de sociabilidade intelectual. (GOMES & HANSEN, 2016, p.24).

Diante do que foi exposto, infere-se que a condição de intelectual pode ser definida pelas redes de sociabilidade nas quais o indivíduo está inserido. Maria Eugenia Celso pode ser considerada uma intelectual, na medida em que pertencia a uma família² de certo prestígio político e poder econômico e cultural, o que possibilitou sua participação em espaços com notoriedade social à época, como o Instituto Histórico e Geográfico, Academia Petropolitana de Letras e Academia de Letras de São João Del Rey, bem como lhe proporcionou a convivência com uma elite intelectual.

Gomes & Hansen (2016) ampliam a reflexão acerca do meio intelectual, visto que dois aspectos precisam ser ressaltados no que diz respeito à questão teórica da mediação cultural. O primeiro remete ao entendimento sobre a definição de intelectuais, que são sujeitos históricos, envolvidos na produção cultural

²Filha do Conde Afonso Celso e neta do Visconde de Ouro Preto. Foi casada com Adolpho Carneiro Mendonça, funcionário do Ministério da Fazenda.

de bens simbólicos, “reconhecidos por comunidades de pares como inovadores, constituindo um “pequeno mundo intelectual.” Logo, um conjunto mais restrito que pode ser considerado uma elite intelectual”. (p.26) Em uma perspectiva mais ampla e numerosa, estariam os intelectuais mediadores, cuja ação se volta para práticas culturais de difusão e transmissão dos produtos culturais em grupos sociais mais amplos e não especializados.

A abordagem que foi posta apresenta distinções analíticas entre os sujeitos históricos pertencentes ao meio intelectual sem hierarquizá-los e sem estabelecer distâncias rígidas entre eles. Desta forma, o intelectual “criador” e o “mediador” podem estar representados no mesmo indivíduo. Cabe salientar a importância de distinguir as práticas culturais e os projetos políticos com os quais um intelectual atua em determinado contexto.

A partir das considerações sobre intelectuais, faz-se necessário conhecer a trajetória da escritora em questão, e, para tal, recorre-se a uma breve apresentação, pautada em dados biográficos ³ e em sua participação na vida pública, verificada na imprensa.

Trajetória de Maria Eugenia Celso

Maria Eugenia Celso nasceu em São João Del Rey, Minas Gerais, na segunda metade do século XIX, a 19 de abril de 1886. Posteriormente, ainda criança, mudou-se para Petrópolis, Rio de Janeiro. Filha do Conde Affonso Celso e da Condessa Eugenia da Costa Celso, e neta do Visconde de Ouro Preto, que presidia o Gabinete Imperial, quando da deposição do Imperador D. Pedro II. Pertencia, portanto, a uma família de prestígio político, poder econômico e cultural. Infere-se, pois, que a origem da escritora tenha proporcionado a convivência com uma elite intelectual, o que pode ter facilitado sua inserção no cenário cultural de sua época.

Estudou no Colégio Sion, colégio feminino fundado no Rio de Janeiro em 1888 pelas religiosas de Sion, transferindo-se, em seguida, para Petrópolis. Em 1908, as religiosas retornaram ao Rio de Janeiro e se estabeleceram à rua São Salvador. O Colégio começou com dez alunas, mas, em 1912, o prédio do bairro do Flamengo já era suficiente para acomodar o número crescente de estudantes. Nas palavras da escritora, o Colégio Sion tem a seguinte representação:

As minhas lembranças não datam de tão longe. São velhas, porém, são velhíssimas, dirão as pessoas de hoje. Concordo que o sejam. Parecem-me, por vezes, de ontem, tão frescas, vivas e buliçosas se conservaram, imorredouramente, em mim. Tenho por elas o carinho emocionado da criança pelos seus bonecos. São os brinquedos da minha saudade... O meu velho Sion... Não sei se todas o verão como eu o via. Sei, porém, quando, no desencanto e na

³ SCHUMAHER, Schuma. e BRAZIL, Erico Vital. (orgs.). *Dicionário Mulheres do Brasil*. De 1500 até a atualidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

experiência da minha maturidade, uma onda maior de ceticismo e de amargor ameaça submergir-me toda crença e toda esperança, é para a capelinha deste passado Sion, agora mudado, transformado, engrandecido e modernizado, que, insensivelmente, me volto. (...) Um perfume de incenso erra no ar, as flores do altar se esbatem numa penumbra cheia de unção, no alto, a Virgem de Sion apruma o vulto claro sobre as procelas do mundo. IN SION FIRMATA SUM. Crer. Esperar. Amar. Foi de ontem. É de hoje ainda. Será de sempre⁴.

Na década de 1920, Maria Eugenia Celso passou a atuar na imprensa carioca e fluminense como colaboradora. Mantinha uma coluna diária no *Jornal do Brasil* e publicou versos em francês na revista *Fonfon* e na *Revista da Semana*. Trabalhou nas emissoras de rádio Nacional, Sociedade e *Jornal do Brasil*, onde fazia o programa *Quartos de Hora literários*.

No campo educacional, foi membro da Comissão Nacional de Literatura Infantil. Nos documentos⁵ desta Comissão há registros de algumas traduções de livros infantis como: *A princesa Rosita*, *Ursão e O camundongo cinzento*, além da escrita de poemas para crianças, por exemplo, *Bolinhas de gude*, publicado no livro *Poesia Brasileira para a Infância*, de Cassiano Nunes e Mário da Silva (1968).

Produziu três peças: *Amores de Abat-jour*, ato em uma cena, representada no Teatro Municipal de São Paulo a 20 de novembro de 1925 e no Teatro João Caetano, no Rio de Janeiro, de 16 a 23 de outubro de 1926; *O Segredo das Asas*, ato em duas cenas, de que não se tem notícias de ter sido encenada; e, finalmente, *Por Causa D'Elle*, peça em dois atos, representada no Teatro João Caetano, no Rio de Janeiro, de 3 a 10 de agosto de 1927. Peças reunidas em livro em 1931 sob o título de *Ruflos de Asas*.

Integrou o quadro da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, a partir de janeiro de 1927, com o mandato de vice-presidente nos anos 1930, junto com Bertha Lutz. A Federação⁶ foi uma entidade civil criada no Rio de Janeiro, no ano de 1922, por iniciativa de um grupo de mulheres de classe média, de elevada escolaridade e conhecedoras dos rumos dos movimentos feministas na Europa e nos Estados Unidos. As primeiras ações empreendidas pelas feministas deste grupo estavam voltadas, em especial, para a conquista do direito ao voto. Notamos que no regimento interno da Federação⁷ havia outros fins como: promover a educação da mulher e elevar o nível de instrução feminina; proteger as mães e a infância; obter garantias legislativas e práticas para o trabalho feminino.

⁴ CELSO, Maria Eugenia. *Reminiscências*, 1942, v.2, p.100. (São Paulo, manuscrito, Arquivo do Colégio Sion de São Paulo). IN: CAVALCANTI, Vanessa Ribeiro Simon. *Memórias femininas: tempo de viver, tempo de lembrar*. In: *Revista Brasileira de História*. Órgão Oficial da Associação Nacional De História. São Paulo: ANPUH, vol. 27, n. 54 jul. – dez., 2007, p. 59 – 82.

⁵ Portaria publicada em Diário Oficial do Distrito Federal em 4 de maio de 1936. *GCg1936.04.29p.414. rolo 42. fot. 814 a 1061*. Arquivo Gustavo Capanema do acervo CPDOC.

⁶ SCHUMAHER, Schuma e BRAZIL, Erico Vital. (orgs.). *Dicionário Mulheres do Brasil*. De 1500 até a atualidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000, p. 218-225.

⁷ Estatuto do Centro de sócias da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, documento: QO.ADM. EFL.LEI, TXT.2, seção 3, vol.5.

No campo do assistencialismo, segundo Schumacher (2000), área de atuação pública preferencial de muitas mulheres que foram do seu tempo e de sua classe social, participou do grupo Damas da Cruz Verde⁸, as principais responsáveis pela fundação da maternidade Pró- Matre, no Rio de Janeiro. Esse grupo teve uma atuação destacada em atividades de assistência social, sobretudo nas diversas iniciativas da Cruz Vermelha Brasileira, da Cruzada Nacional contra a Tuberculose, da Beneficência dos Lázaros e da Liga dos Cegos do Brasil.

Em 1928, inaugurou um ciclo de palestras no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que, na época, era presidido por seu pai, o conde Afonso Celso. As palestras proferidas por Maria Eugenia Celso tinham por proposta abrir espaço para conferencistas discorrerem sobre vários aspectos relacionados à atuação das mulheres brasileiras. Do seu grupo social Ao todo, foram realizadas quatro conferências entre maio e setembro de 1928: *O Espírito e o Heroísmo da Mulher Brasileira*, realizada por Maria Eugenia; *A Segunda Esposa de D. Pedro I*, por senhorinha Maria Junqueira Schmidt; *Cantares Brasileiros*, realizada por Maróquina Jacobina Rabello; *Prosadoras e Poetizas Brasileiras*, por Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça.

Maria Eugenia Celso faleceu em 6 de setembro de 1963, aos 77 anos, no Rio de Janeiro, em sua residência. Seu falecimento foi noticiado em diversos periódicos da época com muito pesar, como os fragmentos que seguem revelam:

Faleceu ontem, as 13 horas, aos 77anos, em sua residência- na rua Voluntários da Pátria, 221, apartamento 602- a escritora e jornalista Maria Eugenia Celso, cujo nome verdadeiro era Maria Eugenia de Assis Figueiredo Carneiro de Mendonça, que assinou, no JORNAL DO BRASIL, no qual colaborou durante 45 anos, a primeira seção de assuntos sociais denominada *Coquetel*. (*Jornal do Brasil*, 7 de setembro de 1963)

Com grande acompanhamento, ontem, às 10h, no cemitério de São João Batista, foi sepultada a escritora Maria Eugenia Celso, filha do Conde de Affonso Celso e neta do visconde Ouro Preto. O corpo da poetisa, cronista, conferencista e declamadora foi velado na capela Real Grandeza, aonde foi desde sexta-feira grande número de representantes de entidades culturais, de assistência social e de antigos amigos da presidenta de honra da sociedade amigos de Affonso Celso. (*Correio da Manhã*, 8 de setembro de 1963).

Como pudemos acompanhar Maria Eugenia Celso, a par da vida doméstica, inseriu-se na vida social, com destaque em participações no espaço público. Cabe salientar que a presença feminina no espaço público não era muito comum nas primeiras décadas do século XX, conforme a revisão de literatura indica, à mulher cabia o papel de esposa e mãe e o espaço privado era concebido como eminentemente feminino, como se lê no fragmento que segue.

⁸Damas da Cruz Verde: Denominação utilizada por um grupo de senhoras da elite carioca e fluminense, como a Baronesa do Bonfim, Jerônima Mesquita e Stella Guerra Durval, que prestaram serviços assistenciais no combate à gripe espanhola, que assolou a cidade do Rio de Janeiro, assim como muitas outras cidades portuárias do Brasil, em 1918..). *Dicionário Mulheres do Brasil*. De 1500 até a atualidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000, p. 173-174.

Na primeira metade do século XX, parecia não haver dúvidas de que as mulheres eram, “por natureza”, destinadas ao casamento e à maternidade. Considerado parte integrante da essência feminina, esse destino surgia como praticamente incontestável. A família era tida como central na vida das mulheres e referência principal de sua identidade: uma moça solteira era, sobretudo, “a filha”, uma senhora casada, “a esposa”. A dedicação ao lar, decorrência óbvia e inescapável, fazia do papel de “dona de casa” parte integrante das atribuições naturais da mulher. (PINSKY, 2012, p. 470-471).

É preciso destacar que seu pai, Afonso Celso de Assis Figueiredo Júnior, foi um homem de muito prestígio na sociedade brasileira. Segundo o arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro⁹, um abolicionista que revelou simpatias republicanas durante o império, tornando-se, porém, monarquista na República e partidário da restauração. Foi professor e diretor da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro e reitor da Universidade do Brasil. Atuou como presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, de 1912 a 1938, ano de seu falecimento. Notabilizou-se também como membro da Academia Brasileira de Letras, ocupando a cadeira de número 36. Colaborou para diversos jornais e revistas¹⁰.

Pode-se inferir que essa notabilidade paterna influenciou sua inserção no espaço público e concedeu-lhe prestígio social. Diante do que foi exposto, é possível observar dados sobre diferentes inserções da escritora Maria Eugenia Celso no espaço público, mas, para os limites deste artigo, destaca-se sua participação no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Maria Eugenia Celso: ineditismo feminino no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro foi fundado em 1838¹¹ da aspiração de uma entidade que refletisse a nação brasileira que, não muito antes, conquistara a sua Independência. Na Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, os secretários, cônego Januário da Cunha Barbosa e Marechal Raimundo José da Cunha Matos, apresentaram proposta para a sua criação, concretizada em 21 de outubro daquele ano, em Assembleia Geral, firmada por 27 fundadores, previamente escolhidos.

Em sua existência, tem-se caracterizadas atividades múltiplas, nos terrenos cultural e cívico, pela reunião de volumoso e significativo acervo bibliográfico, hemerográfico, arquivístico, iconográfico, cartográfico e museológico, à disposição do público. Contou com o patronato do Imperador D. Pedro II, a quem foi dado o título de Protetor, o qual incentivou e financiou pesquisas, cedeu sala no Paço Imperial para sede do Instituto, em seus passos iniciais, e presidiu mais de 500 sessões.

⁹ Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Arquivo de Coleções Particulares. ACP 42: Conde de Afonso Celso.

¹⁰ Jornal do Brasil, A Tribuna Liberal, A Semana, Renascença, Correio da Manhã e Almanaque Garnier.

¹¹ Resenha histórica extraída do Sítio do IHGB - Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Acesso em 20 de junho de 2020.

Personalidades da política, das artes, das letras, da magistratura, do magistério e das atividades do país integraram seu Quadro Social. Afonso Celso foi Presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro de 1912 a 1938.

O prestígio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro foi destacado por Caldeira (2016):

Nesse sentido, o IHGB de fato assumia um caráter nuclear, pois seus membros atuavam em diversas outras instituições e se constituíam como autoridades naquilo que dizia respeito ao conhecimento histórico e sua difusão. O Instituto era, por assim dizer, “a menina dos olhos” do governo imperial e contava com o peso político de muitos de seus integrantes, o que dava àquela agremiação uma situação financeira muito confortável. (CALDEIRA, 2016, p. 204) (...) o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro já fazia circular, desde 1839, a Revista do IHGB, dedicada, entre outros, à publicação de documentos históricos, o que se coadunava com os objetivos primordiais da instituição, que eram os de coletar, organizar, hierarquizar e divulgar os documentos essenciais para escrever a história do Brasil. (CALDEIRA, 2016, p. 198).

No que diz respeito à Maria Eugenia Celso, em 1928, inaugurou um ciclo de palestras no Instituto. Essas palestras foram concentradas no que foi intitulado *Tardes do Instituto*. As palestras foram apresentadas em conferências com datas distintas¹² e contaram com as seguintes conferencistas: Maria Eugenia Celso Carneiro de Mendonça, Maria Junqueira Schmidt, Maroquinha Jacobina Rabello e Anna Amélia de Queiróz Carneiro de Mendonça.

Na abertura da série de conferências, em maio de 1928, Afonso Celso proferiu as seguintes palavras, que conferem legitimidade àqueles discursos:

O mesmo Instituto, convidando a intelectualidade feminina a colaborar nos seus trabalhos, teve dois intuitos: primeiro, render justo preito de apreço a essa intelectualidade, que sempre se distinguiu, mas apresenta agora, como nunca, expoentes notáveis; depois, demonstrar que a velha corporação, constantemente operosa e vivaz, sabe conciliar o amor da tradição e do passado com o culto do modernismo e da novidade, em tudo quanto seja criterioso e possa contribuir para o lustre da Pátria. Corporação essencialmente conservadora, é também animadamente progressista: promove, acolhe, aplaude, estimula quaisquer iniciativas nobres e patrióticas, como o é, sem dúvida, essa que começava a realizar-se. Não lhe cabia lembrar os méritos da conferencista, a quem agradeceu, bem como às suas companheiras o haverem aceito o convite do INSTITUTO. Agradeceu também ao auditório, no qual o exmo. s.r. embaixador dos Estados Unidos- o auditório, cujo comparecimento avultado, ilustre, brilhante, conferiu à primeira das *Tardes do Instituto* o esplendor da alvorada, formosíssima e genuína alvorada brasileira. (CELSO, Afonso. 1930, p. 7-8).

¹²Todas as palestras estão registradas na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro de 1930, tomo 107, volume 161. Conferências: O espírito e o heroísmo da mulher brasileira, realizada por Maria Eugenia Celso em 30 de maio de 1928; A segunda esposa de D. Pedro I, por senhorinha Maria Junqueira Schmidt, em 16 de julho de 1928; Cantares Brasileiros, realizada por Maróquinha Jacobina Rabello, em 30 de julho de 1928; Prosadoras e poetisas brasileiras, por Anna Amélia de Queiróz Carneiro de Mendonça, em 28 de setembro de 1928.

No excerto acima, pode-se verificar a exaltação da tradição venerada pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em conciliação com o dito modernismo e a novidade, sem, contudo deixar de contribuir para o lustre da Pátria. Ou seja, há o destaque de que esta inovação só foi possível por se tratar de algo que podia contribuir para o sentido de patriotismo do período republicano. Ainda segundo aquela perspectiva de inovação, Maria Eugenia Celso inicia seu discurso na conferência intitulada *O espírito e o heroísmo da mulher brasileira*.

Senhor presidente, minhas senhoras, meus senhores. As minhas primeiras palavras não podem deixar de ser de agradecimento e de emoção. Mandaria a praxe que fossem antes de modéstia, talvez, pois a cópia da modéstia faz parte de toda oração que se queira reger pelas velhas normas, as normas clássicas, as que naturalmente dominam numa instituição tão sabidamente conservadora como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. A modéstia, porém, e não se carece de grande agudeza de observação para verifica-lo, soffre na actualidade um eclipse total. O individualismo dos tempos relegou-a ao perecido ról das cousas irremediavelmente fora da moda. Não seria de bom gosto, portanto, arranca-la a esta penumbra de ostracismo para repetir-vos o que a sociedade sabeis: que outra mais autorizada voz feminina, que não a minha, devia ter sido a primeira a se fazer ouvir neste recinto. Tornam-se, justamente pela consciência disto, mais reconhecidamente desvanecidos os meus agradecimentos à directoria do INSTITUTO HISTÓRICO, por me haver proporcionado o gaudio desta honra, convidando-me para iniciar a serie de conferências femininas das Tardes do Instituto. Si algo pode justificar essa escolha, reside no facto de terem sido passados, por assim dizer, à sombra do INSTITUTO HISTÓRICO, a minha adolescência e mocidade. Por mais longe que remonte no passado, sempre o conheci, sempre nelle ouvi falar, sempre o contei entre as cousas familiares a meu espirito e costumeiras a meu ambiente. É- me quase íntima a sua atmospherá. (CELSON, Maria Eugenia, 1928, p.11-12).

O excerto destacado anteriormente ressalta o ineditismo de uma conferência realizada por mulheres no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Observa-se, em acréscimo, o fato de a autora justificar o motivo de ser escolhida para ser a primeira mulher a realizar conferência neste espaço, em razão de estar familiarizada com o Instituto. Pode-se inferir que esta familiaridade esteja vinculada ao fato de seu pai Afonso Celso ser o presidente desta instituição e Maria Eugenia Celso ter acesso facilitado naquela instituição de prestígio político e social.

Sua conferência teve repercussão no espaço público e principalmente no que se refere ao espaço concedido às mulheres na sociedade. Esse fato teve destaque também no *Jornal do Brasil* de 30 de maio de 1928 e na *Revista da Semana*, que publicou, em dois de junho de 1928, a seguinte nota:

A nova tribuna feminina

A senhora Maria Eugenia Celso, abrilhante escriptora patricia que honra a “Revista da Semana” com a sua colaboração, acaba de marcar mais um triumpho para o feminismo, conquistando a tribuna do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, defesa, até a última quarta-feira, à mulher. Dissertando sobre “O espírito e o heroísmo da mulher brasileira”, a e senhora Maria Eugenia Celso iniciou as “Tardes do Instituto” e marcou uma nova era à expansão da intellectulidade feminina nacional. (*Revista da Semana*, 2 de junho de 1928).

A autora, em seu discurso, faz considerações em relação ao convite para a palestra, bem como ressalta a concessão desse espaço às mulheres como uma conquista importante, que estava sendo adquirida gradativamente. Conforme o excerto abaixo mostra:

E quando, instada por Max Fleiuss, seu tão activo e competente secretario, me resolvi a aceitar a incumbência desta primeira palestra não foi sem ter feito um secreto appello ao que possa haver em mim desse heroísmo de mulher brasileira, de que tenho por tarefa entreter-vos. Perguntareis porque? É muito simples. Noventa e um anos de existência conferem ao INSTITUTO HISTÓRICO o prestígio de um verdadeiro patriarchado entre as associações nacionais, e, por mais dadas que sejam as mulheres às intemperanças de língua, fallar na casa de um patriarcha sempre há de ser motivo para torná-las, um segundo ao menos, caladas e hesitantes. Todas as hesitações cessaram, entretanto, deante da significação moral desse convite. Demonstra ele claramente quanto- sans em avoir l'air- desde 1838, fizeram caminho às mulheres no Brasil, constituindo não só uma homenagem, tanto mais meritória quanto mais espontânea, ao espirito da mulher brasileira, como principalmente indicando radical mudança na mentalidade dos homens em relação às capacidades dêste mesmo espirito. Aos venerandos fundadores do INSTITUTO, sem exceção por certo, se antolharia verdadeiramente irrisória a hypothese de mulheres lhe virem um dia ocupar a tribuna, e si um gaiato, por pilheria, a houvesse outrora aventado, teriam sorrido superiormente os mais polidos, este pairante sorriso de condescendência, cõnscio da sua supremacia, ante os desgarrs caprichosos de uma creança, um sorriso que, aliás, ainda não desertou completamente dos lábios masculinos. Hoje, esta circunstância já não espanta nem a homens e nem a mulheres; entrou na ordem natural das cousas, normalizou-se. Esta normalização, tão simples na apparencia, mas tão reveladora de profundas gradativas evoluções, se nos depara como um signal dos tempos. Não é só a mulher que sente ampliado o seu papel na sociedade. Ao homem também, a pouco e pouco liberto de preconceitos e modificadas as perspectivas do seu ponto de vista, a cooperação da mulher, em todos os ramos da sua atividade, já se apresenta como absolutamente imprescindível. (CELSO, Maria Eugenia. 107(158)1928, p. 876-877).

A palestra proferida no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro pode ser considerada relevante para o feminismo que se desenhava, visto que, a partir de seu pioneirismo como palestrante de uma instituição que só autorizava a presença aos homens, oportunizou a entrada de outras mulheres se inserirem na instituição, bem como possibilitou a apresentação de temas de interesse e importância para as mulheres de sua classe social em um ambiente de prestígio.

Note-se que no excerto abaixo é possível inferir algumas considerações a partir do tema *O espirito e o heroísmo da mulher brasileira*.

Além dos seus *deveres básicos de esposa, dona de casa e de mãe*, outros deveres a solicitam e a reclamam. Seu espirito, todavia, ou antes as qualidades essenciaes que a caracterizam bem nossa entre as mulheres do mundo, permanecem as mesmas. *O espirito da brasileira, mesmo nas suas mais arrojadas manifestações, conserva esse chumbo de meiguice, doçura, maternidade, que a torna mãe antes de tudo, acima de tudo. O próprio amor que tem a pátria nada mais é do que uma irradiação do seu amor materno, amando nella tão somente a terra dos seus filhos*. Considerada na sua maioria e talvez devido à educação exclusivamente caseira durante longos séculos recebida, a brasileira não oferece, à primeira vista, o patriotismo exaltado da europeia. Deixam-nas fria em geral, as questões de puro

civismo. Para aquece-la, para fazer aflorar à tona a alma profunda e arrancar-lhe o sentimento a centelha patriótica, é preciso toca-la no coração. Assim inflamada vai aos extremos é capaz dos mais sublimes rasgos de heroísmo. E que é heroísmo afinal, não exceder ao próprio personagem, ser maior do que a si mesmo?... A palavra, no entanto, só nos parece dar toda a medida de sua significação quando aplicada a feitos bellicos, lances em que a vida se arrisca em guerreiros episódios, aventuras de capa e espada. Esta acepção, circunscrevendo ao heroismoum campo de acção exclusivamente militar, restringe naturalmente um pouco o numero das nossas authenticas heroínas. (CELSO, Maria Eugenia. Tomo 107 (158):1928, p.877, grifos nossos).

Nessa palestra, Maria Eugenia Celso aponta os papéis de esposa, dona de casa e mãe como os deveres básicos da mulher. Ressalta também a peculiaridade da mulher brasileira, que “mesmo nas suas mais arrojadas manifestações, conserva esse chumbo de meiguice, doçura, maternidade, que a torna mãe antes de tudo.” Estabelece também uma associação desse amor maternal como o amor dispensado a pátria, “amando nella tão somente a terra dos seus filhos”.

É notório que a questão do patriotismo se faz presente nos discursos apresentados no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro tanto nos registros do Conde Afonso Celso quanto nos de Maria Eugenia Celso. Fato decorrente da própria configuração desse espaço, que desde o período imperial ressalta a questão da nacionalidade. Conforme nos lembra Caldeira (2016):

Das instituições de saber existentes durante o Segundo Reinado, o IHGB era, efetivamente, um espaço de destaque, por se constituir como o núcleo de uma grande teia na qual se concentravam médicos, juristas, engenheiros, poetas, romancistas e professores. Seus membros atuavam em diversos outros lugares, que, por sua vez, mantinham com o IHGB uma relação de simbiose. Vários são os estudos que analisam o papel desse instituto e sua importância na formação de uma história nacional. Um dos primeiros trabalhos nesse sentido foi desenvolvido por Manuel Salgado Guimarães ainda nos anos 1980. Já nesse momento, o autor atentava para a importância daquela Casa no processo de disciplinarização da história no Brasil que, ao contrário dos países europeus, não ocorreu nos quadros das universidades, mas a partir de uma academia “de escolhidos”, ligada de forma muito próxima aos interesses do Estado Imperial. Partidário de uma história teleológica e partilhando ainda da preocupação muito própria da *Historia Magistra Vitae* de tomar do passado exemplos para as gerações do presente e do futuro, o IHGB tinha como um de seus papéis fundamentais localizar as fontes para se escrever a História do Brasil. Para tanto, tinha a sua revista trimestral como um dos lugares privilegiados para o cumprimento desses objetivos. (CALDEIRA, 2016, p.201).

Foi nesse contexto que Maria Eugenia Celso prosseguiu sua fala na palestra, ao destacar a história de algumas mulheres, tomando como base o general Carlos de Campos nos seus perfis biográficos das Heroínas do Brasil, que aponta vinte e nove mulheres consideradas heroínas tendo como enfoque a questão do patriotismo.

Como ilustração segue trechos, nos quais se destacam algumas mulheres e sua relação patriótica com a nação, são elas: Annita Garibaldi, Clara Camarão e Anna Nery. Dentre as citadas há um destaque para a figura de Annita Garibaldi.

Annita Garibaldi¹³

(...) Fugindo à casa paterna, a bordo de um dos navios tomados aos imperialistas, Annita exqueceu nos braços de Garibaldi o mundo que até então fora della. Iniciava-se a sua vida de heroína. Nesse mesmo navio recebeu o baptismo de fogo, e era só uma adorável amante que enamoradamente acolhera a seu bordo, era mais um marinheiro na sua tripulação, mais um soldado, bello, galhardo, intrépido, que se alistava nas suas fileiras, fascinando aos outros pela valentia sem par do seu exemplo. (CELSO, Maria Eugenia.107(158):1928,p. 879)

(...) Pelo garbo de sua formosura, pelo desassombro nunca desmentido de sua coragem, como pela infatigável abnegação de seu amor, Annita Garibaldi se nos afigura o expoente máximo das heroínas brasileiras. Tanto na galhardia de sua personalidade, como no romanesco de sua vida, tudo, corresponde triumphalmente nella à idéa que nós fazemos do heroísmo. Profundamente brasileira pela ternura incomparável da sua alma, Annita Garibaldi foi mundial pela grandeza da orbita em que se moveu. Heroína dos dous Mundos, tal é o nome em que se mortalizou nos fastos da nossa historia, como na mais famosas paginas da Historia italiana, essa heroica filha do Brasil. Si a escolhi como figura central de toda esta pleiade de brasileiras illustres, de que tenho de vos dar em rápida resenha a historia e a vida, é porque reputo Annita Garibaldi, no sentido combativo e romântico da palavra, a mais heroína das nossas heroínas, pois foi a um tempo uma heroína de coragem e uma heroína de amor.(CELSO, Maria Eugenia.107(158):1928,p.880).

Clara Felipa Camarão¹⁴

Em 1630, na quadra agitada do domínio hollandez, Clara Camarão, índia também, índia formosa, com a sua cor de cobre luzente, o magnético negrume de seus olhos, Clara Camarão, que fez do selvicola Poti o chefe prestigioso que foi d. Philippe Antonio Camarão, surge indomável, batendo-se ao lado do esposo, desde Goianna, onde foi derrotado um dos melhores chefes hollandezes, o valente Artichofsky, até a primeira batalha dos Guararapes. Investindo Mauricio de Nassau contra Porto-Calvo, Clara Camarão, tomada de um delírio de patriotismo, empunha as armas e pondo-se á testa de um esquadrão de mulheres, marcha desassombradamente contra o invasor, secundando com admirável pericia o esposo também engajado na lucta. (CELSO, Maria Eugenia.107(.158): 1928, p. 881).

Anna Nery¹⁵

¹³Ana Maria de Jesus Ribeiro (Annita Garibaldi) -1821-1849: Heroína. nasceu no dia 30 de agosto de 1821 em Laguna, na então província de Santa Catarina. Filha de Maria Antonieta de Jesus e de Bento Ribeiro da Silva. Com a morte do pai e dos três irmãos, casou-se aos 14 anos, com o sapateiro Manuel Duarte de Aguiar, que tinha o dobro de sua idade. Mas aos 17 anos rompeu com o casamento. Annita conheceu Garibaldi quando este ficou ancorado próximo a casa de parentes de sua mãe. Apaixonaram-se à primeira vista, e dias depois acertaram o plano de fuga. Assim, a 20 de outubro de 1839, Annita decidiu seguir Garibaldi, subindo a bordo do navio Rio Pardo, para uma expedição até Cananéia. Conferir em: SCHUMAHER, Schuma. e BRAZIL, Erico Vital. (orgs.). *Dicionário Mulheres do Brasil*. De 1500 até a atualidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000, p.77-80.

¹⁴Clara Felipa Camarão (séc. XVII): Índia potiguar, heroína. Nasceu no Rio Grande do Norte e viveu na capitania de Pernambuco. Era companheira de Antônio Felipe Camarão. Tomou parte ativa na guerra de expulsão dos holandeses, participando dos combates lado a lado com seu companheiro. Quando a sorte virou contra os portugueses, Clara Camarão esteve na frente de batalha, defendendo as posições militares e a posição civil, que, abandonando suas propriedades e as cidades, veio refugiar-se atrás das linhas de Matias de Albuquerque, Felipe Camarão e Henrique Dias.. Conferir em: SCHUMAHER, Schuma. e BRAZIL, Erico Vital. (orgs.). *Dicionário Mulheres do Brasil*. De 1500 até a atualidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000, p.160.

¹⁵Em relação ao seu nome há algumas oscilações na maneira de ser escrito: *Anna Nery*, *Ana Nery* e *AnaNéri*. Reflexões sobre o tema podem ser encontradas no artigo: PORTO, Fernando, OGUISSO, Taka. Nome da “Mãe dos Brasileiros. *Enfermagem em Foco*, 2011 2(supl):77-80.

Uma figura, porém, sobreleva em grandeza o ímpeto batalhador destas destemidas soldadas. Uma figura de dedicação, uma figura de humanidade e de consolação, a Florence Nightingale das enfermeiras do Brasil, d. Anna Nery, a Mãe dos Brasileiros. Enquanto matavam aquelas, d. Anna Nery curava e consolava, lenindo com a bondade dos seus cuidados os sofrimentos daqueles que tombaram pelo Brasil em Corrientes, em Humaitá, e em Assumpção. D. Anna Nery, patrona da nossa Cruz Vermelha, seguindo aos cinquenta anos de idade para servir, com risco de vida, nos hospitais de sangue, é mais um exemplo magnífico desse espírito de maternidade, objectivando fecundamente em pról da collectividade, de que a brasileira pode sem favor ser considerada o prototypo. (CELSO, Maria Eugenia.107(158):1928, p. 886-887).

Nos três excertos apresentados, é possível observar a exaltação do sacrifício e da coragem em favor de um bem maior que é a valorização da pátria. Nos exemplos postos, Annita Garibaldi e Clara Camarão são as mulheres que lutaram em favor de sua pátria e, no que se refere à Ana Nery, há a exposição do serviço prestado aos combatentes da pátria. Nos trechos das histórias apresentadas, é notória a representação da mulher como esposa e mãe.

Encaminhando-se para as considerações finais da palestra, Maria Eugenia Celso destaca a personalidade feminina que, a seu ver, seria a representante de um heroísmo superior, que simbolizaria o máximo do heroísmo no Brasil:

Mas, acima do heroísmo do amor, acima do heroísmo da luta, minhas senhoras e meus senhores, ainda ha um heroísmo superior, o heroísmo da renuncia e do sacrificio, depurado de egoísmo, tão puro e tão alto, que só as grandes almas o sabem praticar. Como representante máximo desse heroísmo no Brasil, sem que eu ainda vos tenha falado nella, sentis como que a irradiação da sua luminosa individualidade. Sentis que falta a esta galeria de heroínas brasileiras a sua mais bela, a sua maior figura. Não ha brasileiro que hoje em dia não lhe faça justiça. A medida que o tempo vai arrefecendo até a isenção de animo da imparcialidade o partidarismo das facções politicas, o seu vulto insigne cresce em magestade e em expressão. Isabel, a Redemptora... Para libertar uma raça não hesitou a princeza, surda ao aviso profético de Cotegipe, em sacrificar o interesse de teus filhos e a posse do seu throno. Si alguns lhe querem negar a grandiosa responsabilidade deste acto, desde que o captivero já se achava virtualmente extinto pela lei de 1885 e pela lei do ventre livre; si outros lhe increpam como fatal erro politico o 13 de maio, a verdade é que para passar por cima dos interesses financeiros encapelados em protestos desvairados da revolta, e para exquecer, assim tão absurdamente o proprio interesse, só a sublime loucura de uma mulher. Isabel, a Redemptora foi esta mulher. O seu maior padrão de gloria no entanto, o motivo pelo qual lhe cabe mais do que a todas as outras o primeiro lugar, o lugar maximo na historia do heroísmo feminino brasileiro, não foi a abolição que lh'o outorgou. Foi a

Ana Justina Ferreira Neri (1814-1880). Heroína, precursora da enfermagem na guerra do Paraguai. Nasceu em 13 de dezembro de 1814 na então Vila da Cachoeira do Paraguassu ou Vila de Nossa Senhora do Rosário de Cachoeira (BA), na antiga rua da Matriz, atualmente rua Ana Néri. Era filha de Luísa Maria das Virgens e de José Ferreira de Jesus. Casou-se com o oficial da marinha capitão-de-fragata Isidoro Antônio Néri, que faleceu em 1844 a bordo do brigue *Três de Maio*, no Maranhão. Quando irrompeu a Guerra do Paraguai, em dezembro de 1864, Ana morava em Salvador com os filhos. Em 8 de agosto de 1865, enviou officio ao presidente da província solicitando trabalho como enfermeira na guerra. Alegava dois motivos: atenuar o sofrimento dos que lutavam pela defesa da pátria e estar junto dos filhos, que já se achavam na frente de batalha.. Conferir em: SCHUMAHÉ, Schuma. e BRAZIL, Erico Vital. (orgs.). *Dicionário Mulheres do Brasil*. De 1500 até a atualidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000, p.61.

constancia, a tenacidade, a abnegação do seu inquebrantável amor pelo Brasil. Amar a sua terra na opulência e na prosperidade, ama-la sendo amada e victoriosa por ella, é cousa que a ninguém pôde muito custar. Ama-la, entretanto, renegada, banida, menosprezada, esquecida é mais do que heroísmo, é sanctidade. Foi desse quilate o patriotismo da Pinceza Isabel que o exilio não fez sinão intensificar e acendrar. Deante desse vulto imponente de Brasileira em que se concentram todas as virtudes, todas as nobrezas, todos os heroísmos femininos da nossa terra, o peito se nos entumece do mais raro, do mais sagrado dos orgulhos: o orgulho de nos sabermos, como ella, brasileira. (CELSO, Maria Eugenia.107(158): 1928, p.889-890).

Maria Eugenia Celso tece elogiosas considerações sobre a figura da princesa Isabel, dando destaque maior ao seu amor pela pátria, cuja maior gloria foi aconstância, a tenacidade, a abnegação do seu inquebrantável amor pelo Brasil. De forma secundária resalta a questão da abolição, mas aponta que este tema foi alvo de críticas e contestações, bem como exalta o sacrificio da princesa ao optar pela libertação de uma raça, em detrimento aos interesses dos seus filhos e a posse de seu trono.

Nessa linha, aprecia o orgulho de ser brasileira, enfatizando o patriotismo da mulher ao invés do patriotismo do homem. Encerra sua palestra com essas palavras:

Esse orgulho, não era preciso que vos viesse recordar a lição que, do passado, sugestivamente nos provém, para que sentíssemos em nós, arraigado e vivaz, tímido de promissoras possibilidades. E' a quintessência do patriotismo. Ao envez do homem, o patriotismo na mulher, todo feito de pequenas minuncias enternecidas, não abrange synthese tão vasta de sentimentos e de idéaes. E' um conjunto de amados pormenores. Para que, no entanto, sejam as brasileiras de hoje, dignas do heroísmo destas grandes antepassadas, de que acabo de vos recordar os nome gloriosos, bata que saibam sentir e tornem seus filhos capazes de o sentir também, o frêmito de amor ao solo natal que, deante do quadro iluminado da paisagem de todo o dia, tocada do ouro de um sol bem brasileiro, arrancou a uma poetiza este grito em que lhe ia todo o coração: Então, Sinto ao furtivo arroubo deste instante o quanto te amo meu Brasil gigante, No quadro familiar do meu torrão! (CELSO, Maria Eugenia. 107(158):vol.158: 1928, p. 890).

Maria Eugenia aproveitou o espaço concedido pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro para colocar em evidência a mulher, em especial a mulher brasileira da classe social a qual pertencia. Na conferência soube conciliar a escrita em prol do feminino com a tradição do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro no tocante à história da pátria Brasil.

Além da conferência do ano de 1928, Maria Eugenia Celso apresentou outras palestras no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 1933 e em 1946. Observam-se também publicações na Revista deste instituto com temas diversos.¹⁶No ano de 1933, foi indicada pelo então primeiro secretário Max Fleus do

¹⁶CELSO, Maria Eugenia. *Pedro II*: soneto. 98(152): p.17, 1925. CELSO, Maria Eugenia. *Um evocador do passado*. 182: p.52-53, jan/mar. 1944. CELSO, Maria Eugenia. *Um dos apaixonados de Petrópolis*. 233: p.213-237, out/dez.1956. CELSO, Maria Eugenia. *Afonso Celso e o Instituto Histórico*. 247: p. 351-355, abr/jun.1960. CELSO, Maria Eugenia. *Afonso Celso*. 247: p. 295-301, abr/jun.1960.

Instituto para realizar palestra sobre o centenário de Anchieta, conforme reporta o excerto da Ata do Instituto:

O Sr. Max Fleuss (1º secretário perpetuo) disse ter uma proposta a apresentar o que não precisa ser justificada. Como acaba de declarar o sr. Presidente, além das contribuições dos sócios do INSTITUTO, haverá a dos ilustres homens de letras que farão conferências sobre Anchieta, assim como os sr.s, Celso Vieira e padre Leonel Franca, este, por assim dizer, o *Anchieta de hoje*. É, porém, necessário que a mulher brasileira tome parte nas comemorações anchietanas e essa mulher, digníssima sob todos os aspectos, é Maria Eugenia Celso. (CELSO, Maria Eugenia.168:1933, p.730-731).

Em 1946, abre a conferência em homenagem ao centenário de nascimento da princesa Isabel, apresentando a síntese biográfica sobre a princesa Isabel. No discurso, expõe considerações sobre o fenômeno étnico e social presente no contexto brasileiro que se diferencia dos demais países da América pela integridade do seu território, da sua língua e sua religião, visto que em outros países foi fracionado. Em relação à princesa, há o destaque para como foram dirigidos seus estudos desde a infância, sendo o Imperador, seu pai, o orientador de seus estudos tanto pessoalmente como na escolha de seus preceptores, como apontam fatos relevantes de sua biografia, como o casamento, assinatura da Lei Áurea.

Como ilustração, segue parte introdutória da conferência:

Antes de dar início à conferência inaugural da série organizada pelo Instituto Histórico, em comemoração ao centenário de nascimento da Princesa Isabel, que ocorre a 29 deste mês, não posso deixar de agradecer ao Sr. Presidente do Instituto haver-me conferido a honra da primazia na abertura deste curso. Tenho ainda a impressão de não ser precisamente a mim que visa a distinção deste mandato. A profunda emoção com que, para tomar a palavra nesta casa tão familiar no entanto a meu convívio, tenho que dominar o enternecimento da saudade e das recordações, dá-me a sensação de que, através da minha pessoa se evoca uma presença e na minha voz se faz ouvir outra voz mais autorizada e mais eloquente. Esta síntese biográfica da Princesa Isabel não passará, portanto, de um prelúdio ao tema que outros desenvolverão, a contribuição continuadora de uma tradição de família, a simples execução de um legado hereditário em homenagem à Redentora. Assim o entendi eu e por certo assim também o entendeis. (CELSO, Maria Eugenia.192:1946, p. 64).

Considerações finais

A trajetória de Maria Eugenia Celso indica diferentes inserções da escritora no espaço público, transitando na imprensa e locais de sociabilidade de relevância na sociedade da época em que viveu como é o caso do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Neste artigo buscamos dar destaque ao ineditismo de uma palestrante mulher na tribuna do Instituto. Desta forma, ressaltou-se a conferência de Maria Eugenia Celso no projeto *Tardes do Instituto*, na qual foi possível observar *O espírito e o heroísmo da mulher*

brasileira por meio da exposição de histórias de mulheres que apresentaram vidas que se destacaram por seus feitos heroicosos quais atendiam intimamente a relação de amor à pátria.

Ademais, outras participações da escritora no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro foram apresentadas. É preciso salientar que seu ineditismo e suas participações na instituição podem ser relacionados inicialmente ao fato de seu pai ser o presidente do Instituto durante um longo período, de 1912 a 1938. No entanto notamos participações de Maria Eugenia Celso em período em queo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro era presidido por outra pessoa, Embaixador Dr. José de Macedo Soares, de 1939 a 1968.

Referências

CALDEIRA, Ana Paula Sampaio. Ramiz Galvão e o projeto de uma biblioteca nacional. In: GOMES, Angela de Castro & HANSEN, Patricia Santos (Orgs). *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016, p. 177-215.

CELSO, Maria Eugenia. Um dos apaixonados de Petrópolis: o Conde Afonso Celso. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 233: 213-237, Rio de Janeiro, outubro-dezembro, 1956.

CELSO, Maria Eugenia. Síntese biográfica da princesa Isabel. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 192: 64-84, Rio de Janeiro, julho/setembro, 1946.

CELSO, Maria Eugenia. O espírito e o heroísmo da mulher brasileira. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 104 (158): 874-890, Rio de Janeiro, 1928.

CELSO, Maria Eugenia. Reminiscências, 1942, v.2, p.100. (São Paulo, manuscrito, Arquivo do Colégio Sion de São Paulo). IN: CAVALCANTI, Vanessa Ribeiro Simon. Memórias femininas: tempo de viver, tempo de lembrar. In: Revista Brasileira de História. Órgão Oficial da Associação Nacional De História. São Paulo: ANPUH, vol. 27, n. 54 jul. – dez., 2007, p. 59 – 82

Estatuto do Centro de sócias da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, documento: QO.ADM. EFI.LEI, TXT.2, seção 3, vol.5.

Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Arquivo de Coleções Particulares. ACP 42: Conde de Afonso Celso.

GOMES, Ângela de Castro. (org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Ed.FGV, 2004.

GOMES, Angela de Castro & HANSEN, Patricia Santos (Orgs). *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Online. Disponível em www.ihgb.org.br. Acesso em 20 de junho de 2020.

MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Portaria publicada em Diário Oficial do Distrito Federal em 4 de maio de 1936. *GCg1936.04.29p.414. rolo 42. fot. 814 a 1061*. Arquivo Gustavo Capanema do acervo CPDOC

PINSKY, Carla Bassanezi (Org.) ; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova História Das Mulheres No Brasil*. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2012. v. 1. 555p.

PORTO, Fernando, OGUISSO, Taka. Nome da “Mãe dos Brasileiros. *Enfermagem em Foco*, 2011 2(supl):77-80

Revista da Semana, 2 de junho de 1928.

Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 168: 730-731, Rio de Janeiro, outubro-dezembro, 1933.

SCHUMAHER, Schuma. e BRAZIL, Erico Vital. (orgs.). *Dicionário Mulheres do Brasil*. De 1500 até a atualidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

Recebido em 28/06/20 aceito para publicação em 04/01/21.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional.

Revista Vernáculo n.º 47 – primeiro semestre/2021

ISSN 2317-4021

157